

TRECHO DO ARTIGO “Conhecer e estudar o trabalho”, de Yves Schwartz (2015)

Perguntemo-nos o que pode querer dizer, a propósito do trabalho, a expressão “*procurar conhecê-lo*”. Essa questão é preocupante porque não podemos razoavelmente falar do trabalho sem supor que seu conhecimento seja possível, que sabemos do que falamos. Sem um mínimo de definição do trabalho, podemos ter certeza do que significa “conhecê-lo”? (...).

(...) Como devemos avaliar as categorias e os conceitos pelos quais descrevemos o trabalho, com uma distância relativa disso que se trama nele, durante seu exercício? E, por aí mesmo como avaliamos, nós mesmos, este lugar social que ocupamos, como supostos especialistas do trabalho?

Isso não é em nada uma questão faceciosa ou provocativa: ela concerne, tanto ao exercício de nossos *métiers*, quanto ao “viver junto” com aqueles que trabalham ou trabalharam (aliás, de um modo geral, todo mundo). Talvez teria sido sábio começar por aí.

Em todo caso, talvez possamos compreender o antigo desejo de fazer um diálogo socrático sobre essa questão, porque, talvez, apenas a forma dialogada nos ajude a descobrir nosso conhecimento, mas também nossos não saberes sobre noções cotidianas manipuladas por nós. Platão traz à cena os diálogos sobre “O belo”, “A coragem”, “O amor” etc. Mas o “O trabalho” não teria sido matéria para um de seus diálogos porque sabemos, especialmente depois dos estudos de Jean-Pierre Vernant, que essa atual noção abstrata é, se considerarmos aquela época, anacrônica, uma vez que a atividade industriosa se dividia na Grécia Clássica em alguns grandes registros heterogêneos. Aqui está ao que esse diálogo poderia parecer:

Sócrates: “Poluidalos, tu que és tão sagaz, porque me dizes um dia que o trabalho desaparece, outro dia ele se transforma, o dia seguinte que ele deixou de ser uso do corpo e, no final da semana, que é o seu valor que desaparece? Eu sinto a coisa escapar-me. Tu que és competente, ajuda-me: do que estamos falando?”.

Imaginemos uma primeira série de respostas rápidas:

“Vejam, Sócrates, todo mundo sabe quando sai de casa para ir para a fábrica, ao canteiro de obra de Laurion¹, ao hospício, ao escritório, o pedagogo na escola, que ele vai ‘trabalhar’. Não nos complique as coisas”.

Sócrates: “Tu falas de ouro, Poluidalos. Mas e aquele que trabalha em casa a noite toda sobre essas maravilhosas novas máquinas, para elaborar novos planos para o templo de *Erectheion*,² que seu mestre de obras pediu na madrugada? Aquele que percorre todas as ruas de Atenas para oferecer nas vendas os produtos de seu patrão? Eles não ‘trabalham’ também? O trabalho é definido pelos tempos e lugares?”.

“Tu te divertes às nossas custas, responderia Poluidalos. Já que insistes, eu te dou uma definição estrita e irrefutável do trabalho: todos esses exemplos e muitos outros têm em comum apontar uma troca codificada pelos nossos regulamentos. Contra certa quantidade e

qualidade da nossa própria indústria, recebemos em troca um salário ou retribuição. Essa troca formalizada é chamada de trabalho”.

Sócrates: “Isso tem alguma aparência de verdade. Mas diga-me, Poludaidalos, algo me incomoda. ‘Troca formalizada’, tu dizes: mas e a mãe que cuida dos deveres das crianças, preparando conservas de azeitonas e, ao mesmo tempo, lava as roupas e cuida do bebê, será que ela não se ativa de maneira comparável a um empregado, para usar sua linguagem, na creche da rua próxima onde crescem nossos futuros soldados da infantaria? Ao depreciar essa forma de trabalho sob o pretexto de que ela não seria formalizada, não deveríamos temer que Aristófanes nos recolocasse em cena a raiva das nossas companheiras, muito pior do que *As mulheres na assembleia*?”.³

“Onde tu queres chegar?” – Questionaria o outro, irritado.

“Isso me faz pensar, diria Sócrates, a propósito de um venerável sábio do trabalho, o que seria de nós hoje se ele não tivesse se juntado recentemente ao reino dos céus, Jacques Duraffourdikos.⁴ Um encanador pago por seu mestre, ele relatou, dizia que é quando ele reparava por pura amizade e benevolência os canos em seu vizinho que ele ‘verdadeiramente trabalhava’.

Tu vês Poludaidalos, um enxame de exemplos me vem, relatados pelos viajantes para além do nosso mar, onde as pessoas trocam diversos bens sem passar por essa formalização bem visível definindo os tempos, lugares, operações e de contrapartidas fixadas em dinheiro: Eu penso na guarda das bigas ao longo das calçadas das cidades populosas do Sul, à venda de mil produtos de consumo cotidiano pelos camelôs nessas mesmas cidades... Sem dúvida, a formalização dessa troca não tem a visibilidade que tu falas. Mas acredito que ela se prepara nas *ágoras* ocultas, onde se aprende coletivamente como negociar as restrições para sobreviver.”

“Mas, teria replicado Poludaidalos, tu misturas ao bel prazer. Aceitemos que haja duas essências diferentes do trabalho, uma envolvendo uma recompensa monetária, outra chamada trabalho para te agradar, mas longe do circuito da primeira. O ‘trabalho’ que se faz releva, de um, o de outro circuito”.

“Talvez tu tenhas razão com tuas duas essências para uma mesma palavra. Mas, caro Poludaidalos, insinuaria Sócrates, tu não tens a atenção por demais fixada sobre Atenas? Uma pesquisa à maneira do velho Heródoto, conduzida por Nouroudinos⁵ sobre a indústria dos pescadores do seu país, bem distante além das margens egípcias, conta-nos que ao regressar sobre o *yiko*, o cais, os pescadores dividem a pescaria em três partes, a parte para doar, a parte para alimentar a sua família e a parte vendida contra a moeda que ali se usa. Quando habilmente engajam o seu corpo inteiro para seguir o peixe adivinhado nos rastros da onda, será que já o partem ou se partem eles mesmos em três partes?”.

“Eu te vejo chegar, peixe torpedo, prossegue Poludaidalos. Ou seja, eu propus uma dicotomia sem a prudência necessária no diálogo contigo. A verdade é essa: o trabalho começa com nossa sociedade de humanos, que só pode assegurar sua existência no cumprimento, dia após dia, das tarefas cada vez mais técnicas e diversas, pelos produtos que a natureza não nos fornece. Que importam as formas, os graus de codificação e troca

de dinheiro, estas tarefas devem ser divididas entre cidadãos, metecos⁶ e escravos. Nem todos podem fazer tudo, mas todas as tarefas devem ser realizadas de modo que a cidade sobreviva. Aí está donde nasce 'o trabalho'."

"Tudo bem, diria Sócrates: o trabalho não teria nascido então há alguns sete mil anos, além das terras fenícias, com as primeiras aldeias de camponeses, ali onde pela primeira vez nossos semelhantes organizaram sua vida coletiva em torno do labor, da colheita, da domesticação dos bois e das cabras? Resumidamente, as primeiras 'sociedades do trabalho', de acordo com a tua última definição?"

"Por uma vez dissestes a verdade", concordaria o interlocutor.

"Tenho uma dúvida, apressar-se-ia de dizer Sócrates: os nossos escavadores de terra relatam que milhares de anos antes destas sociedades de camponeses, para caçar, esquartejar, nossos antepassados se esforçavam muito para cortar lascas de pedra com muletas de ossos apoiadas em seus sovacos;⁷ e ainda bem antes, cortavam, retocavam, davam forma, a blocos de pedra, antecipando os ângulos a talhar segundo métodos de uma antiguidade remetendo sem dúvida aos ensinamentos dos deuses e se adaptando aos múltiplos acidentes que estes métodos não poderiam ter previsto. Sem dúvida, eles produzem ferramentas, mas para utilizar os recursos fornecidos pela natureza, não para ir além. Se do 'trabalho' retiramos isso, estamos seguros de não nos enganarmos na nossa investigação da essência?"

"Francamente Sócrates, diria Poluidalos deixando a cena excedido, de que nos serve este imbróglio. Na Assembleia, se pede estratégias para a guerra, mas também para governar o trabalho. Tu só serves para nos tapar a boca".

"É verdade, concluiria Sócrates, não sei mais eu mesmo o que pensar. Talvez assim mesmo tua definição de troca de indústria contra dinheiro teria coisas boas?"

Pode-se pensar, de fato, que definir o trabalho é uma tarefa vã. Mas também que reside algo de muito profundo sob a ironia socrática: não há essência do trabalho, mas não haveria uma espécie de dramática comum que implicitamente nos torna aceitável o uso da mesma palavra "trabalho" em circunstâncias tão diferentes? (...)

NOTAS:

1. Laurion: canteiro de minas de prata próximo a Atenas, Grécia.
2. Erectheion: um dos templos famosos da Acrópole de Atenas.
3. N.T.: Peça teatral de Aristófanos.
4. Alusão a Jacques Duraffourg, ergonomista que morreu recentemente, que se formou no laboratório de Alain Wisner no Conservatoire des Arts et Métiers e cujo próprio gênio fecundou amplamente a abordagem ergológica aqui apresentada.
5. Alusão a Abdallah Nouroudine, veja nota 5.
6. Habitantes da cidade ateniense, vindo de terras estrangeiras e sem estatuto de cidadãos.